



Centro do IMAR da Universidade dos Açores
Departamento de Oceanografia e Pescas

PROGRAMA DE OBSERVAÇÃO PARA AS PESCAS DOS AÇORES

- POPA -

RELATÓRIO DE ACTIVIDADES

(2003)



para a 7ª Reunião Ordinária do Conselho de Supervisão do POPA

Horta, Fevereiro de 2004

Ricardo Serrão santos
Presidente do POPA

Miguel Machete
Coordenador do POPA

ÍNDICE

1. INTRODUÇÃO.....	4
2. MÉTODOS.....	5
3. RESULTADOS.....	5
3.1. COORDENADOR.....	6
3.2. OBSERVADORES.....	6
3.2.1. Formação.....	6
3.2.2. Embarque.....	7
3.3. EMBARCAÇÕES QUE ADERIRAM AO POPA.....	8
3.4. PERCENTAGEM DE COBERTURA.....	9
3.5. RENDIMENTO DE PESCA.....	11
3.6. INTERACÇÕES DE CETÁCEOS NA PESCA.....	13
3.6.1. Tipo de interacção.....	15
3.6.2. Molestação de Cetáceos.....	16
3.6.3. Avistamento de Cetáceos.....	16
3.7. ACTIVIDADES DE DIVULGAÇÃO.....	17
3.8. EXTENSÃO DO POPA.....	18
4. CONCLUSÃO.....	19

1. INTRODUÇÃO

O Programa de Observação para as Pescas dos Açores (POPA) é actualmente reconhecido a nível nacional e internacional, por possibilitar a atribuição do certificado “Dolphin Safe” à pesca do atum, mas também pelo acompanhamento importante que tem realizado na recolha de informação para conhecimento e análise de outras pescarias. Exemplo disso são os protocolos estabelecidos para o acompanhamento e monitorização de experiências de pesca efectuadas na região, por embarcações regionais, nacionais e estrangeiras, onde a participação dos observadores do POPA tem sido solicitada.

Os dados recolhidos pelo POPA na pesca do atum, representam já a maior base de dados disponível nos Açores. Possuímos actualmente um total de **1032** relatórios de embarque, onde os observadores embarcados recolhem informação variada, relacionada com a pesca e suas interacções no meio marinho.

Os diários de pesca, impostos internacionalmente na década de 80, foram até há pouco tempo atrás, a única forma de conhecer a actividade diária do sector através de registos efectuados pelos profissionais da pesca (ex: locais, capturas diárias, etc). Contudo, existem necessidades de acompanhamento muito mais exigentes, onde a recolha de informação seja fidedigna, diária e de carácter muito mais abrangente (ex: número, peso e comprimento dos peixes capturados; capturas por lance; selectividade da arte de pesca; etc.), que são fundamentais para a gestão sustentada dos recursos pesqueiros.

O acompanhamento de actividades de pesca através de programas de monitorização levados a cabo pela presença de observadores embarcados, é reconhecido mundialmente como um dos melhores métodos para monitorizar e conhecer o desenvolvimento de uma pescaria.

Actualmente, dada a crescente exploração e até sobre-exploração de algumas áreas e recursos, importa conhecer o melhor possível o ciclo de vida das espécies comercialmente importantes, as suas relações com factores ambientais e quais os efeitos da acção do homem na exploração desses recursos. Só com estratégias de recolha de informação continuada, abrangente e de longo prazo, como são os programas de observação com observadores embarcados, se conseguirá caminhar para alternativas, planos de gestão, regulamentação e monitorização integrada, tanto de espécies como de ecossistemas, que sejam adaptados às realidades da pesca em todas as suas vertentes.

2. MÉTODOS

O método de trabalho baseia-se no embarque dos observadores e na recolha de dados por eles efectuada. Após a formação, os observadores ficam aptos para o embarque, que consiste em ciclos de 30 dias em cada embarcação. Deste modo garantimos uma melhor cobertura e acompanhamento de toda a frota, e diversificamos os contactos do observador com os profissionais da pesca.

A informação apresentada neste relatório, resultou da recolha contínua de dados efectuada pelos observadores embarcados. Os dados foram recolhidos sob a forma de formulários para que a informação neles contida seja maximizada e o mais padronizada possível, de acordo com as prioridades do programa (Anexo I).

O equipamento do observador é peça fundamental na obtenção correcta dos dados. Cada observador possui um kit de equipamento constituído por:

- GPS
- Binóculos
- Máquina Fotográfica
- Ictiómetro
- Pilhas e respectivo carregador de pilhas
- Placa de escrita
- Termómetro
- Formulários
- Manual do Observador
- Bibliografia

Os restantes procedimentos estão descritos nos relatórios de actividade anteriores (POPA, 1998, 1999, 2000 e 2001)

3. RESULTADOS

Neste relatório de actividade anual, são apresentados resultados relativos aos objectivos principais do POPA na perspectiva do “Dolphin Safe” e consequentemente os mais

relevantes para a actividade pesqueira e da sua interacção com os cetáceos. Informações de carácter científico poderão ser tratadas por especialistas em publicações autónomas.

3.1. COORDENADOR

Em Abril de 2003 iniciou funções o coordenador actual do POPA, Dr Miguel Chancerelle de Machete. O Dr Rogério Feio, que tinha assumido este papel desde a formação do Programa em 1998, passou a desempenhar novas funções noutra Instituição.

3.2. OBSERVADORES

O número de observadores, que anualmente participam no POPA é variável, já que está intimamente relacionado com as necessidades de cobertura do programa e consequentemente com o número de embarcações em actividade.

Concorreram em 2003 ao POPA, **109 candidatos**. Numa primeira fase, foram analisados pontos chave dos candidatos (habilitações literárias, experiência profissional na área de biologia, experiência de embarque e disponibilidade) tendo sido seleccionados 29 para entrevista (26%). Posteriormente, e de acordo com os resultados da avaliação realizada, foram escolhidos **7 elementos** (6%) para a acção de formação (Anexo II). As candidaturas ao POPA continuam a ser feitas por correio e via “on-line”, ver <http://www.horta.uac.pt/projectos/popa/>.

Pela acentuada sazonalidade da pesca do atum nos Açores, não se justifica ter uma bolsa de observadores permanentes. Contudo, verifica-se que alguns observadores se têm candidatado em anos consecutivos (3 só neste ano), o que nos permite, através de observadores experimentados garantir uma melhor execução do programa.

Ao longo da safra de 2003, participaram no POPA **11 observadores** num regime de contrato e **3 observadores** num regime de voluntariado. A todos foi proporcionada formação no início da actividade.

3.2.1. Formação

A acção de formação decorreu de 1 de Maio a 9 de Maio de 2003, no Centro Integrado de Formação de Professores CIFOP da Horta (Anexo II), com uma carga horária de aprox. 44 h. Os temas abordados e os formadores envolvidos foram os seguintes:

- História do “Dolphin Safe”; Objectivos e regras do Programa de Observação para as Pescas dos Açores: Por Dr. Rogério Feio e Dr Miguel Machete – Biólogos.
- Ambiente Marinho e espécies pelágicas (Geografia e correntes dos Açores): Por Doutor João Gonçalves – Biólogo.
- Conservação e protecção de espécies marinhas: Por Dr. Fernando Tempera – Biólogo.
- Cetologia: Por Dr. Rui Prieto – Biólogo.
- Ornitologia marinha: Por Dr. Rogério Feio – Biólogo.
- Herpetologia marinha - Por Doutora Helen Rost Martins – Bióloga.
- Pesca de Tunídeos com salto e vara; Vida a bordo (segurança e tarefas): Por Dr. Rogério Feio e Dr Miguel Machete – Biólogos
- Funções dos observadores (formulários e equipamentos): Por Dr. Rogério Feio e Dr Miguel Machete – Biólogos.

3.2.2. Embarque

O período de embarque dos observadores teve início no dia 11 de Maio e terminou no dia 28 de Outubro de 2003. Foi nosso objectivo, manter durante toda a safra um Corpo permanente de observadores contratados que assegurasse as necessidades de cobertura da frota acordadas com o “Earth Island Institute”, complementado sempre que possível com observadores voluntários. O número de embarcações em actividade no ano de 2003 na ZEE dos Açores (22) foi superior ao de 2002 (12) chegando a ser necessário embarcar 12 observadores diferentes no mesmo mês (Tabela 1).

Tabela 1 – Observadores contratados e voluntários. Período de permanência ao longo da safra de 2003. Número total de observadores embarcados em cada mês da safra.

SAFRA						
OBSERVADORES	Maio	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro
Contratados						
Gonçalo Manuel Martins Ferreira de Carvalho	✓	✓	✓	✓	✓	
Franklin Wanderley Tavares	✓	✓	✓	✓	✓	✓
Inês Paixão Nunes Figueiredo	✓	✓	✓	✓	✓	
João Ricardo Reis Sousa	✓	✓	✓	✓	✓	✓
José António Morais e Silva	✓	✓	✓			
Pedro Luís Feijó Botelho	✓	✓	✓	✓		
Mafalda Lopes A. Cantinho Pereira	✓	✓				
Manuel de Mendonça Pontes Valagão			✓	✓	✓	✓
Paulo Osório da Silva Landeck			✓	✓	✓	
Diogo Manuel Rocha Tavares			✓	✓	✓	
Voluntários						
Filipa Soares Rocha			✓	✓		
Maria Helena Marques Enes Guimarães			✓	✓		
Hugo Tavares de Sousa Camacho			✓	✓		
TOTAL DE OBSERVADORES POR MÊS	7	7	12	11	7	3

3.3. EMBARCAÇÕES QUE ADERIRAM AO POPA

Tal como no ano anterior, verificou-se a adesão total por parte das embarcações registadas nos Açores e sócias da APASA (Tabela 2). Contudo, muitas das embarcações registadas, operaram fora dos Açores por certos períodos de tempo não tendo sido abrangidas pelo POPA nessa fase. Embora as capturas de atum não fossem excepcionais foram superiores às dos últimos dois anos o que levou a que pelo menos nalguns meses as 22 embarcações registadas nos Açores (menos 8 que no ano passado devido a abates, vendas e reconversões) e aderentes ao POPA se encontrassem a pescar na Região (Tabela 2).

Tabela 2 – Lista das embarcações que aderiram ao POPA em 2003. Matrícula e armador. Destaque para as que tiveram observador a bordo (✓) e para as que operaram fora da ZEE Açores (*)

(Todos os membros da APASA)

Nome da embarcação	Matrícula	Nome do Armador
<u>Amanhecer*</u>	H-184-C	COMPICO
<u>Ponta do Espartel*</u>	H-171-C	COMPICO
<u>Pérola de Santa Cruz*</u>	H-164-C	Pescatum
<u>Falcão do Mar*</u>	PD-511-C	José António da Silva Nicolau
<u>Pérola dos Açores*</u>	PD-491-C	António Rita Amaral
<u>Flor do Pico</u>	H-180-C	Carlos Manuel Silveira Luís
<u>Porto de São João</u>	H-179-C	Carlos Manuel Garcia Àvila
<u>Condor</u>	H-188-C	COMPICO
<u>Ponta dos Arcos</u>	H-183-C	COMPICO
<u>Pepe Cumbreira*</u>	H-150-C	COMPICO
<u>Milão</u>	H-185-C	COMPICO
<u>Grumete Silva</u>	H-172-C	Manuel Humberto Silva
<u>Pesca Atum</u>	H-196-C	Eduardo Freitas
<u>Rei dos Açores</u>	H-194-C	Alfredo Àvila Quadros
<u>Mestre Afonso</u>	H-198-C	STA. CATARINA
<u>Baia da Horta*</u>	H-173-C	Carlos Manuel Neves de Sousa
<u>Parma*</u>	H-189-C	COMPICO
<u>Génova*</u>	H-174-C	COMPICO
<u>Balaia*</u>	PD-490-C	João Vieira de Melo Peixoto
<u>Corisco*</u>	PD-539-C	Valdemar de Lima Oliveira
<u>Cabo da Praia*</u>	W-06-C	Pescatum
<u>Cabo do Mar*</u>	W-07-C	Pescatum

3.4. PERCENTAGEM DE COBERTURA

As necessidades de cobertura da frota pelo POPA foram superiores ao ano passado porque o número de embarcações em actividade na ZEE dos Açores aumentou durante este ano, especialmente nos meses de Julho (22 embarcações) e Agosto (20 embarcações). Neste sentido o número de observadores contratados sofreu alteração, tendo sido o número máximo em actividade de 12 observadores.

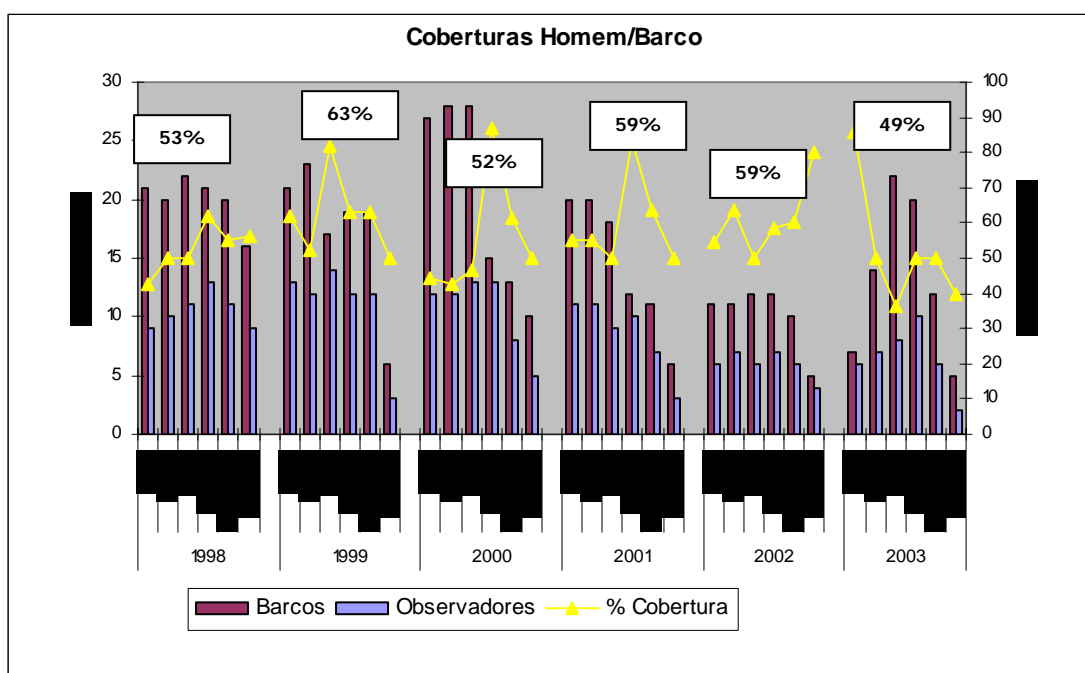
A percentagem de cobertura do programa é avaliada de duas formas, 1) número de embarcações cobertas por mês com um observador a bordo; 2) quantidades mensais de atum capturado com observador a bordo, relativamente às descargas mensais efectuadas pelas embarcações aderentes ao POPA. No ano de 2003 adaptou-se uma metodologia mais adequada para cálculo de percentagens médias.

Tomando como referência o número de embarcações a pescar e o número médio de observadores embarcados por mês (já que alguns observadores não permanecem o mês inteiro nas embarcações), a percentagem de cobertura “observador por embarcação” ao longo da safra de 2003, foi em média de **49%**, tendo variado ao longo do ano de 36 % a 86

%. Tal como nos anos anteriores a percentagem de cobertura foi, de forma geral, igual ou superior a 50% (Figura 1). Porém ocorreram dois meses em que essa cobertura não foi alcançada pelas razões que se passam a explicar:

- a) O acidente de viação sofrido por uma observadora que a impossibilitou de prosseguir o trabalho, a desistência do Programa por razões pessoais de outra observadora e a grande afluência de atuneiros para os Açores no mês de Julho (22 embarcações, mais 8 que no mês de Junho) fez com que a cobertura mínima exigida só fosse reposta em Agosto.
- b) Em Outubro não foi possível embarcar 1 dos três observadores que se encontravam a desempenhar funções devido a 1)descargas irregulares e imprevisíveis das poucas embarcações que ainda pescavam, fora dos portos da Horta e Madalena 2)perda de um embarque por parte do observador.

Figura 1 – Percentagens de cobertura mensais da frota de atum nos Açores, ao longo da actividade do POPA, de 1998 a 2003



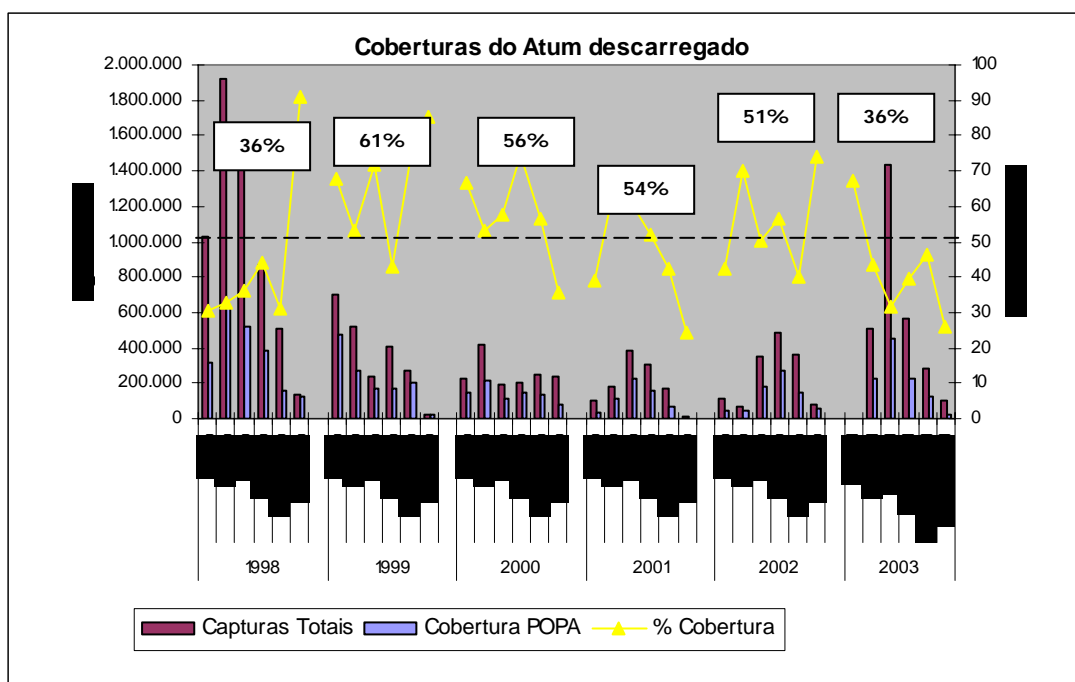
Relativamente à quantidade de atum capturado na presença de observador, o valor médio em 2003 foi de **36%** (Figura 2), tendo sido a variação ao longo do ano entre 26% e 67% (Tabela 3).

Embora a cobertura do atum descarregado pelas embarcações aderentes ao POPA, não seja uma exigência do ponto de vista dos objectivos do programa, entendemos ser um aspecto importante para a monitorização da actividade, pelo que tentamos de igual forma assegurar ao longo do ano uma percentagem de cobertura relativamente elevada.

Tabela 3 – Percentagem de cobertura mensal do POPA, relativamente ao peixe descarregado, pelas embarcações sócias da APASA, com observador a bordo na safra de 2003.

	Total de atum descarregado (Kg)	Descargas com observador (kg)	(%) Cobertura
MAIO	2.156	1.454	67
JUNHO	508.405	221.323	44
JULHO	1.432.675	450.089	31
AGOSTO	562.231	222.167	40
SETEMBRO	278.114	128.601	46
OUTUBRO	106.050	27.370	26
TOTAL	2.889.631	1.051.004	36

Figura 2 – Percentagens de cobertura mensais da frota de atum nos Açores, ao longo da actividade do POPA, de 1998 a 2003



3.5. RENDIMENTO DE PESCA

Após 6 anos de actividade do POPA, começamos a obter suficiente informação relativa às capturas de atum, para poder comparar e avaliar esforço de pesca exercido pela nossa frota ao longo deste período (Figura 3). O esforço de pesca exercido durante a actividade, é sem dúvida um factor decisivo no sucesso da safra. Uma forma de medir a eficiência do esforço de pesca é avaliar a captura por unidade de esforço (C.P.U.E.), esta análise consiste em calcular um índice que avalia o rendimento da pesca. Neste caso o índice calculado pondera

as capturas mensais de atum, em kg, relativamente ao número de eventos de pesca mensais (Figura 4).

À semelhança do ano anterior mas de forma mais acentuada, verificou-se um aumento nas capturas anuais (Tabela 4). O acréscimo verificado foi acompanhado por um aumento significativo do rendimento médio, tendo passado de **645** (kg/evento) em 2002 para **1136** (kg/evento) em 2003.

Em 2003, os meses de melhor rendimento de pesca (Kg/evento) foram Junho (facto que não se verificava desde 1999) e Outubro (Figura 4).

Figura 3 – Capturas mensais de atum e respectivos eventos de pesca, ao longo da actividade do POPA, de 1998 a 2003.

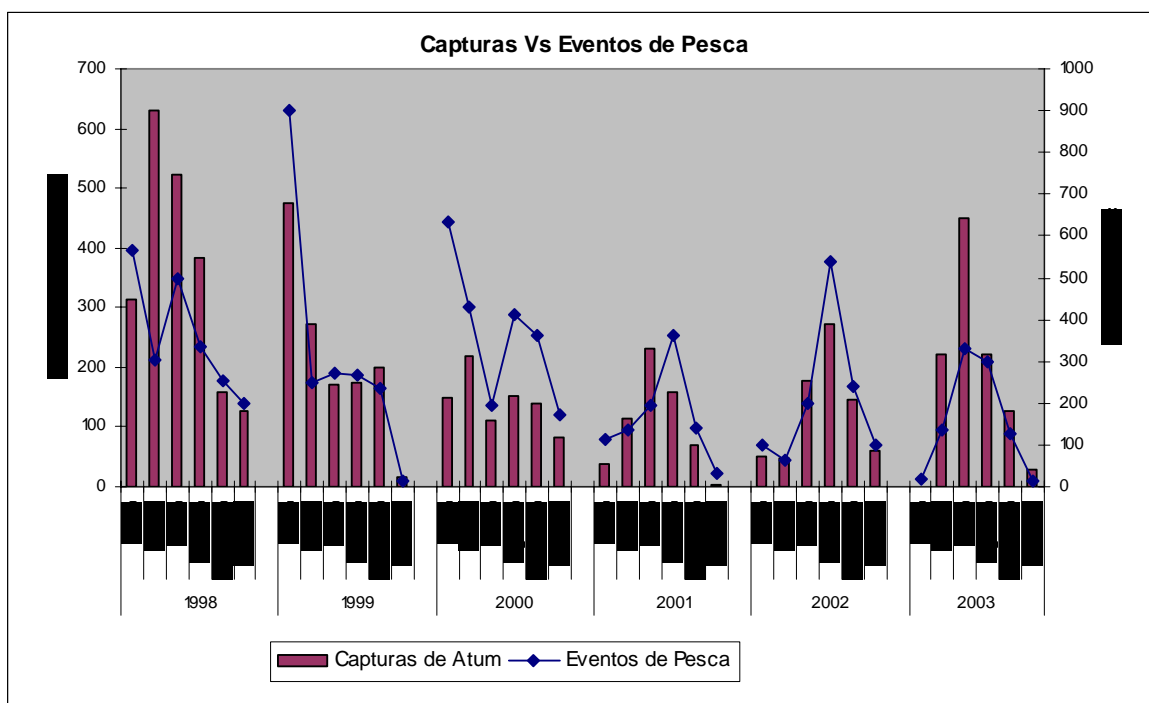


Figura 4 – Rendimento mensal por evento de pesca durante a actividade do POPA, de 1998 a 2003

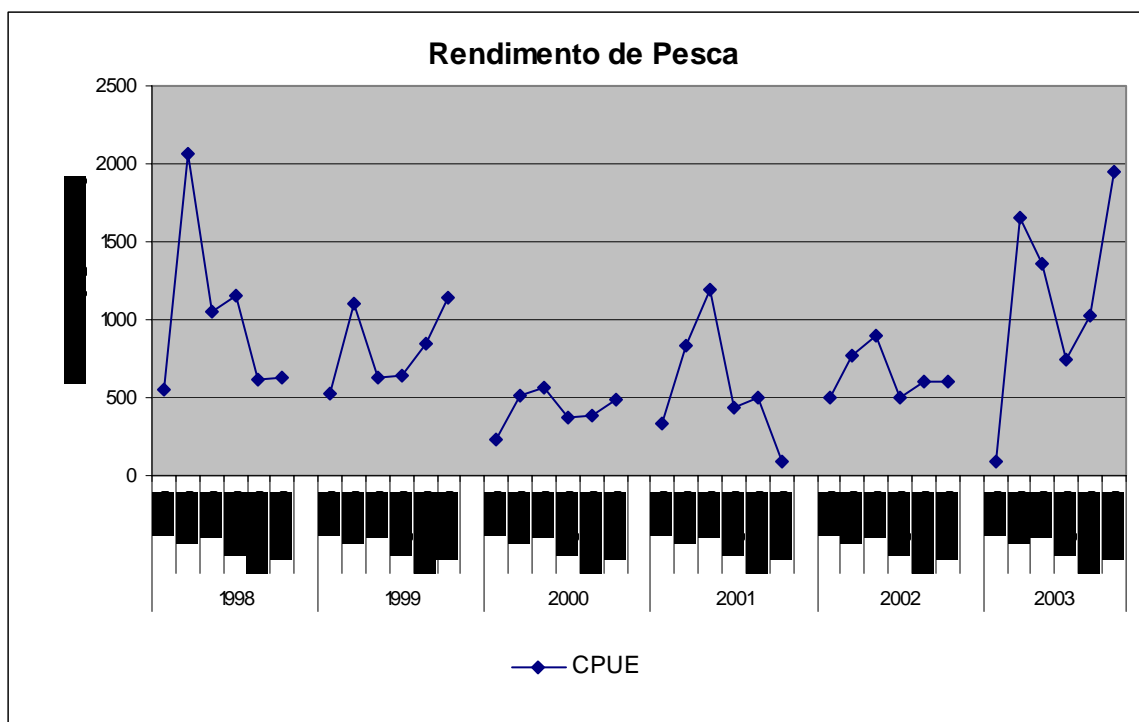


Tabela 4 – Capturas totais de atum referentes às embarcações que aderem ao POPA desde 1998

ANOS	Capturas totais (Ton)	Oscilação anual (%)
1998	5.400,24	
1999	2.153,20	-60,1
2000	1.511,77	-29,7
2001	1.135,11	-24,9
2002	1.467,13	+22,3
2003	2.889,63	+ 49,2

3.6. INTERACÇÕES DE CETÁCEOS NA PESCA

No total dos **172** dias de embarque dos observadores do POPA, foram registados **921** eventos de pesca que corresponderam a **1051** toneladas de atum capturado.

A grande maioria dos eventos de pesca **883** (correspondentes a 95,9 %) ocorreu sem a presença de cetáceos. Nas situações em que houve presença de cetáceos **38** (correspondentes a 4,1%), houve interferência efectiva com perturbação dos cetáceos na pesca em apenas **14** eventos, o que corresponde a 1,5%.

Durante toda a safra de 2003 não ficou um único golfinho preso no anzol. Os valores registados em 2003, são bastante semelhantes aos registos obtidos nos 5 anos precedentes de actividade do POPA (Tabela 5).

Tabela 5 – Resumo das interações entre eventos de pesca e cetáceos. Dados recolhidos pelos observadores do POPA entre 1998 e 2003 no arquipélago dos Açores.

Eventos de Pesca					
ANO	Mês	Eventos	Com Cetáceos Presentes	Com Perturbação de Cetáceos	Com Cetáceos Presos ao Anzol
1998	Maio	564	150	72	8
	Junho	305	62	26	4
	Julho	497	38	25	-
	Agosto	333	22	13	1
	Setembro	255	8	6	3
	Outubro	199	4	3	-
	TOTAL	2153	284	145	16
	%	100	13.2	6.7	0.7
1999	Maio	900	121	44	14
	Junho	248	41	28	10
	Julho	273	20	12	-
	Agosto	269	8	4	-
	Setembro	235	6	3	-
	Outubro	15	0	0	-
	TOTAL	1940	196	91	24
	%	100	10.1	4.7	1.2
2000	Maio	633	82	38	5
	Junho	429	41	19	3
	Julho	194	19	11	1
	Agosto	412	20	11	-
	Setembro	364	6	3	-
	Outubro	171	2	1	-
	TOTAL	2203	170	83	9
	%	100	7.7	3.8	0.4
2001	Maio	113	16	9	1
	Junho	136	11	6	-
	Julho	193	7	1	-
	Agosto	363	17	3	-
	Setembro	140	12	1	-
	Outubro	32	1	0	-
	TOTAL	977	64	20	1
	%	100	6.6	2.0	0.1
2002	Maio	100	11	4	1
	Junho	63	11	3	-
	Julho	199	6	2	-
	Agosto	540	18	4	-
	Setembro	214	5	2	-
	Outubro	100	4	3	-
	TOTAL	1216	55	18	1
	%	100	4.5	1.4	0.08
2003	Maio	17	2	0	-
	Junho	134	8	5	-
	Julho	332	16	6	-
	Agosto	298	8	1	-
	Setembro	126	4	2	-
	Outubro	14	0	0	-
	TOTAL	921	38	14	-
	%	100	4,8	1,52	0

36.1. Tipo de interação

O tipo de interação dos cetáceos na pesca é classificado em 3 tipos:

1. Cetáceos comeram a isca;
2. Atuns afundaram;
3. Ambos os casos.

A interação observada deve-se principalmente à competição pelo alimento entre golfinhos e atuns. Tal como nos anos anteriores, a interação durante a pesca foi unicamente provocada por pequenos delfínídeos (golfinhos). Em 2003 a espécie golfinho comum (*Delphinus delphis*) representou a maior percentagem nos 2 primeiros tipos (80% e 78%, respectivamente) (Tabela 6). Não se verificou nenhuma interação do terceiro tipo.

Tabela 6 – Identificação dos tipos de interferência e das espécies de cetáceos que interferiram

Cetáceos Comeram a Isca		Atuns Afundaram	
5	<i>Delphinus delphis</i> (4) <i>Stenella frontalis</i> (1)	9	<i>Delphinus delphis</i> (7) <i>Tursiops truncatus</i> (2)

A análise das interações dos cetáceos na pesca, ao longo dos meses da safra, mostra igualmente que *Delphinus delphis* é a espécie que interfere com maior frequência (**78,6%**) nos eventos de pesca (Tabela 7). Este resultado está relacionado com a ocorrência geral de cetáceos presentes nos eventos de pesca ao longo da safra, onde o golfinho comum é também o mais frequente (**54,3%**), (Tabela 8).

Tabela 7 – Tabela representativa das espécies de cetáceos que interferem na pesca. Número de eventos por espécie e por mês ao longo da safra de 2003.

	Golfinho comum	Roaz	Pintado	Total
MAIO	0	0	0	0
JUNHO	5	0	0	5
JULHO	4	1	1	6
AGOSTO	1	0	0	1
SETEMBRO	1	1	0	2
OUTUBRO	0	0	0	0
TOTAL	11	2	1	14
(%)	78,57	14,29	7,14	100

Tabela 8 – Tabela representativa das espécies de cetáceos presentes durante a pesca (com e sem interação). Número de eventos por espécie e por mês ao longo da safra de 2003.

	Golfinho comum	Roaz	Pintado	Risso	Baleia comum	Baleia sardinha	Riscado	Total
MAIO	1	0	0	0	1	0	0	2
JUNHO	7	0	0	0	0	1	0	8
JULHO	6	2	2	0	1	3	0	14
AGOSTO	4	0	0	1	0	1	1	7
SETEMBRO	1	2	0	0	0	0	1	4
OUTUBRO	0	0	0	0	0	0	0	0
TOTAL	19	4	2	1	2	5	2	35
(%)	54,29	11,43	5,71	2,86	5,71	14,29	5,71	100

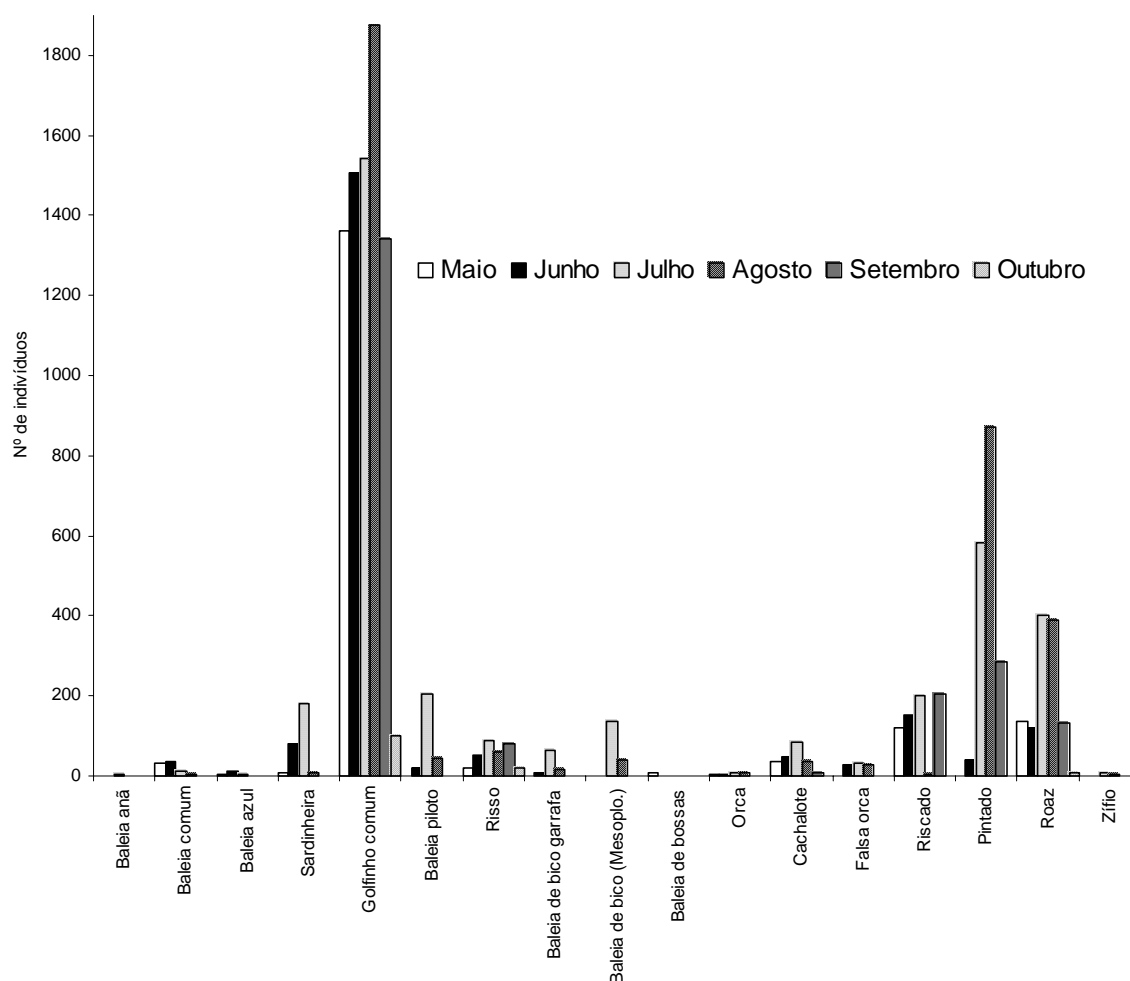
3.6.2. Molestação de Cetáceos

No total de eventos de pesca registados pelos observadores do POPA (921), não se verificou nenhum incidente com nenhum cetáceo durante a pesca (ao contrário do ano passado em que um golfinho chegou a ficar preso no anzol da arte Espanhol). Durante toda a actividade relativa à pesca de atum nos Açores em 2003, não se registou, através dos dados dos observadores embarcados, nenhum caso de morte ou molestação intencional de cetáceos.

3.6.3. Avistamento de Cetáceos

Avistaram-se em 2003 cerca de 12800 cetáceos, sendo a maior parte deles pequenos delfínídeos (golfinhos comuns, pintados, riscados e roazes). Os avistamentos de golfinhos comuns (*Delphinus delphis*) foram os mais frequentes em todos os meses, tendo-se registado a ocorrência de cerca de 7726 indivíduos durante toda a safra de atum (Figura 5). Sublinha-se porém que estes valores não podem ser directamente relacionados com índices de abundância de cetáceos porque não foi estabelecida nenhuma relação com o esforço de observação dos mesmos. Adianta-se também que alguns dos avistamentos realizados podem ser relativos aos mesmos indivíduos observados em dias e locais diferentes.

Figura 5 – Número de cetáceos avistados pelos observadores de Maio a Outubro de 2003.



3.7. ACTIVIDADES DE DIVULGAÇÃO

O Programa de Observação para as Pescas dos Açores, tem sido várias vezes divulgado por jornais regionais e por revistas nacionais e regionais.

Continuamos a ter disponível na internet a página de divulgação e inscrição de candidatos a observadores no POPA: (<http://www.horta.uac.pt/projectos/popa>).

Tal como nos anos anteriores foram enviados para a Earth Island Institute relatórios mensais de progresso (de Maio a Outubro) onde se incluem as capturas totais, número de barcos a pescar, coberturas, etc.

Em 2003 foram apresentadas quatro palestras com base em dados do POPA:

Novembro – Miguel Machete. “Os cagarros e a pesca do atum”, Centro do Mar, Horta, Faial, Açores no âmbito da campanha SOS Cagarro – ciclo de palestras organizado pelo Departamento de Oceanografia e Pescas da Universidade dos Açores.

Setembro - Lafon, V., Martins, A., Rodriguez, M. and Figueiredo, M.. “Sea surface temperature spatio-temporal variability in the Azores using a new technique to remove invalid pixels”. Remote Sensing of Ocean and Sea Ice , Barcelona, Spain

Setembro – “A Oceanografia por Satélite nos Açores, Secção de Oceanografia, Departamento de Oceanografia e Pescas da Universidade dos Açores”. Expopescas 2003, Teatro Faialense, Faial, Açores.

Dezembro – Machete M., Morato T., Menezes G. “Modelling the distribution of two fish species in Seamounts of the Azores”, Queenstown, Nova Zelândia na conferência internacional DEEP SEA 2003

Em Dezembro de 2003 foi ainda apresentado o relatório de estágio do curso de licenciatura em Biologia Marinha e Pescas (Universidade do Algarve) de **Carla Dâmaso** que teve como título – **Utilização de Informação do Programa de Observação para as Pescas dos Açores (POPA) na Monitorização da Pesca do Atum (1998-2001).**

3.8. EXTENSÃO DO POPA

O POPA é cada vez mais um Programa de Observação de Pescas abrangente sendo requisitado todos os anos, através de protocolos independentes, para monitorizar outras pescarias para além da pesca do atum, como está previsto na Portaria nº 31/99 de 4 de Junho que institui o Programa. Apesar disso, a garantia “Dolphin Safe”, continua a ser um objectivo importante a alcançar já que a pesca e venda de atum dos Açores dela dependem. Esta garantia assegura um selo de qualidade ao atum Açoriano e permite a exploração de outros mercados.

No ano de 2003 foram acompanhadas as seguintes pescarias:

- Experiência de pesca ao peixe espada preto entre 24 de Maio e 9 de Agosto (à semelhança de anos anteriores nomeadamente 1999, 2000 e 2002);
- Experiência de pesca ao caranguejo da fundura do Atlântico (*Chaceon affinis*) entre 16 de Maio e 3 de Julho e 21 de Setembro e 14 de Novembro;
- Pesca de atum em águas Angolanas desde 1 de Dezembro de 2003 (ainda está a decorrer), onde pela primeira vez se procura caracterizar a dinâmica da actividade pesqueira de embarcações Açorianas em águas internacionais.

De salientar ainda, o facto de todos os protocolos acima referidos, serem coordenados pelo IMAR, com gestão financeira independente do programa “Dolphin Safe” que passou a ser co-financiado por fundos comunitários (INTERREG) ao abrigo do projecto ORPAM.

O POPA tem assim assegurado a monitorização da maior parte da frota atuneira, garantindo ao atum capturado nos Açores o estatuto de "Dolphin Safe" e contribuído simultaneamente para o acompanhamento de novas actividades de pesca, desenvolvidas por

embarcações regionais e externas à região, promovendo a recolha, informatização e armazenamento de dados que irão contribuir para a gestão sustentada dos recursos marinhos nas águas dos Açores e, em geral, para a protecção e conservação do ambiente oceânico.

4. CONCLUSÃO

A percentagem de cobertura durante a safra de 2003, foi satisfatória (embora inferior ao ano de 2002) relativamente aos objectivos propostos. Os 50% de cobertura da frota (cobertura homem/barco), tem garantido aos armadores e industriais da pesca de atum nos Açores, a atribuição do estatuto “Dolphin safe” ao atum capturado nos Açores.

A análise geral da interacção de cetáceos na pesca, demonstra uma vez mais que a percentagem de eventos de pesca na presença de cetáceos é baixa (4,1%), tendo estes interferido efectivamente na pesca, em apenas 1,5% (14 casos) do total de eventos (921).

Sublinha-se que em 2003 não houve um único golfinho a ficar preso no anzol durante a pesca de atum.

É importante salientar a enorme fonte de informação e dados recolhidos pelo POPA nestes últimos 6 anos, informação essa que caracteriza de uma forma minuciosa toda a pesca de atum exercida nos Açores e que poderá sempre que solicitada, beneficiar todos os sectores envolvidos nesta actividade.

O POPA e seus observadores, são cada vez mais solicitados para o acompanhamento de diversas actividades de pesca. Assistimos assim à transformação do POPA num Programa mais abrangente que possibilita a monitorização de várias pescarias em águas regionais e até internacionais (caso da experiência de pesca de atum em Angola no ano de 2003/2004).

A informação recolhida nestas pescarias é compilada em relatórios independentes da componente *dolphin safe* onde se apresentam os resultados obtidos durante as várias campanhas.

ANEXO I

ANEXO II